

Construindo significados acerca das características da competência em informação: atitudes, comportamentos, habilidades, conhecimentos e valores em foco

André Luiz Avelino da Silva
andre_luiz93@live.com

Elizete Vieira Vitorino
elizete.vitorino@ufsc.br

Recebido em: 08/07/2025
Aceito em: 08/09/2025

Resumo

A Competência em Informação envolve habilidades para identificar necessidades informacionais, buscar, acessar, avaliar criticamente e utilizar a informação de forma eficaz, além disso, está relacionada ao aprendizado ao longo da vida e à cidadania, pois o acesso à informação é essencial para a construção de conhecimento e o exercício pleno dos direitos. Estudos e pesquisas a partir de várias perspectivas e abordagens foram desenvolvidas ao longo dos anos, inclusive, o desenvolvimento da teoria que aborda as dimensões da Competência em Informação. Nesse sentido, este trabalho busca construir significados acerca das características: atitudes, comportamentos, habilidades, conhecimentos e valores. Para isto, utilizou-se pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa, a partir de bases de dados como BRAPCI, Scielo, Portal da CAPES, buscando pelos temas deste artigo. Assim, as características da Competência em Informação foram levantadas para construir sentidos e relacionar com a área, sendo que todas elas possuem uma interrelação entre si, influenciando umas às outras e, consequentemente, contribuindo para o desenvolvimento da Competência em Informação, de modo simplificado, sendo as atitudes parte de avaliação de mundo, julgamentos e opiniões, influenciando nos comportamentos que são complexos e estão em constante interação, de modo que as habilidades estão dentro da competência, podendo ser aprendidas e treinadas, necessitando de conhecimentos para a construção de repertório para a execução delas, estes não sendo possível transmitir tal como as informações, por fim, os valores moldam e direcionam as sociedades, contribuindo para a formação das pessoas enquanto cidadãos, juntas essas características impactam no desenvolvimento da Competência em Informação.

Palavras-chave: competência em Informação; ciência da Informação; atitudes e comportamentos; habilidades e conhecimentos; valores.

*Meaning construction regarding the characteristics of
information literacy: attitudes, behaviors, skills, knowledge, and
values in focus*

Abstract

Information literacy involves the ability to identify information needs, search for, access, critically evaluate, and use information effectively. Furthermore, it is related to lifelong learning and citizenship, since access to information is essential for the construction of knowledge and the full exercise of rights. Studies and research from various perspectives and approaches have been developed over the years, including the development of the theory that addresses the dimensions of Information Literacy. In this sense, this work seeks to construct meanings about the characteristics: attitudes, behaviors, skills, knowledge, and values. For this, bibliographic and documentary research was used, with a qualitative approach, from databases such as BRAPCI, Scielo, and the CAPES Portal, searching for the themes of this article. Thus, the characteristics of Information Literacy were raised to build meanings and relate to the area, and all of them have an interrelationship between them, influencing each other and, consequently, contributing to the development of Information Literacy, in a simplified way, with attitudes being part of world evaluation, judgments and opinions, influencing behaviors that are complex and in constant interaction, so that skills are within literacy, and can be learned and trained, requiring knowledge to build a repertoire for their execution, these not being possible to transmit as information, finally, values shape and direct societies, contributing to the formation of people as citizens, together these characteristics impact the development of Information Literacy.

Keywords: *information literacy; information science; attitudes and behaviors; skills and knowledge; values.*

1 INTRODUÇÃO

A Competência em Informação, que surge em meados dos anos 1970, nos Estados Unidos, chegando ao Brasil em meados dos anos 2000, tendo menos de trinta anos no contexto brasileiro, cresceu a partir de diversos olhares de cientistas dedicados à temática. Assim como aconteceu com a Ciência da Informação, que surgiu e se desenvolveu com referências de outras áreas do conhecimento, como Sociologia, Matemática, Ciência da Computação, entre outras (Ortega, 2009), a Competência em Informação também teve sua formação a partir de outras pesquisas com relação a outras áreas (De Lucca; Vitorino, 2020).

As discussões conceituais da Competência em Informação trazem essa como um conjunto de habilidades que irão contribuir para saber a necessidade de informação, saber onde buscar, como acessar, avaliar e usar de forma eficiente e crítica (Association of College & Research Libraries, 2016), de modo que a informação seja aplicada no contexto informacional que a pessoa precisa, solucionando sua demanda.

No cenário brasileiro, os estudos e pesquisas que abordam a Competência em Informação têm avançado, perpassando várias perspectivas e contextos, contribuindo para que o tema possa ser enriquecido com diversos olhares de pesquisadores e pesquisadoras de todo o país. Nesse sentido, o surgimento de novas abordagens teóricas e metodológicas ampliam a compreensão acerca da Competência em Informação, fortalecendo o tema e contribuindo para o desenvolvimento da mesma.

As atitudes se relacionam com os comportamentos, ambos sofrem influências do contexto social, podendo ser modificados e transformados, os valores fazem parte do meio social, de modo que eles podem contribuir com as mudanças nas atitudes e nos comportamentos. Os conhecimentos são necessários para o desenvolvimento de habilidades, ambos estão ligados ao processo de ensino e aprendizagem.

Na literatura, algumas autorias apontam para as atitudes, comportamentos, habilidades, valores e conhecimentos como parte do desenvolvimento da Competência em Informação, mas não há discussões acerca do significado dessas características, assim, o objetivo deste trabalho é caracterizá-las. Neste, buscamos construir significados sobre estas características, com intento de compreender esses termos para que seja possível a relação com a Competência em Informação. Por fim, ressalta-se que este artigo faz parte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCI), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

No que se refere aos aspectos metodológicos, a pesquisa é bibliográfica, documental e de abordagem qualitativa, com finalização das pesquisas no primeiro semestre de 2023. Quanto a pesquisa documental, foram utilizados livros acadêmicos que abordassem os temas da pesquisa, como Competência em Informação, Atitudes, Comportamentos, Habilidades, Conhecimentos e Valores, a partir da Ciência da Informação, Psicologia Social, Educação e Filosofia, respectivamente.

Sobre as buscas realizadas, foram utilizadas as bases de dados: Scientific Electronic Library Online - SciELO e Portal de Periódicos da CAPES, utilizando idioma inglês, espanhol e português. Na Web of Science - WoS e LearnTechLib somente inglês e na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação - BRAPCI somente português. O uso do booleano "and" foi aplicado, sem definir recorte temporal nos filtros, entretanto, ressalta-se que a pesquisa finalizou no início de 2023, sendo este a delimitação de tempo.

Quanto ao percurso metodológico, o primeiro passo foi a definição das palavras-chave, seguido da busca nas bases como segundo passo, a partir disso ocorreu a pré-seleção de conteúdo, como terceiro passo, seguido de leitura de conteúdo como quarto passo, no quinto passo a seleção de conteúdo e por fim, o sexto passo o uso das referências. Como critério de eliminação todos os materiais que não eram de acesso aberto, artigos e trabalhos que não abordam o tema, ou trabalhos que estivessem em outros idiomas que não os utilizados aqui.

3 BREVES CONTEXTUALIZAÇÕES ACERCA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

O termo que deu origem a tradução "Competência em Informação" remonta dos anos 1970, no contexto norte-americano, a partir de Paul Zurkowski, ganhando popularidade no cenário brasileiro a partir dos anos 2000, com traduções variando desde "literacia informacional", "alfabetização informacional", "competência informacional", "fluência informacional", "competência em informação", este último sendo um dos mais utilizados dos anos de 2020 em diante (Vitorino; Piantola, 2019), sendo a tradução utilizada neste trabalho.

Por conseguinte, Association of College & Research Libraries (2016) afirma que a Competência em Informação está relacionada a uma série de habilidades que irão contribuir para que uma pessoa saiba que há uma demanda informacional, saberá buscar, acessar e avaliar de forma crítica aquela informação e como poderá usar na sua necessidade informacional.

Na mesma perspectiva sobre conceituação do termo, Dudziak (2003) complementa ao afirmar que o desenvolvimento da Competência em Informação está intimamente ligado com o aprendizado ao longo da vida, de modo que o conjunto de habilidades são tão necessários quanto mobilizar atitudes que possam contribuir para que a pessoa consiga buscar, encontrar, acessar, avaliar e usar de forma eficiente a informação encontrada.

Quanto à Belluzzo (2021), a autora correlaciona esse termo também à cidadania, uma vez que todas as pessoas necessitam de informações em determinados momentos da vida e, no que diz respeito ao acesso aos direitos, é importante que as pessoas saibam onde buscar tais informações de maneira que seja possível acessar à cidadania, a construção dos conhecimentos a partir das informações encontradas poderá ajudar nesse processo.

Desde os anos 2000, com a chegada da Competência em Informação ao Brasil, outros estudos e pesquisas foram desenvolvidas ao longo dos anos, influenciando e contribuindo para que outros olhares e perspectivas fossem direcionados à área, como as dimensões da Competência em Informação, trazidas inicialmente por Vitorino e Piantola (2011) e reavivadas por Vitorino e De Lucca (2020), trazendo as dimensões técnica, ética, estética e política, com formas próprias de compreender a Competência, mas possuindo relações estreitas entre si.

Ademais, estudos e pesquisas pensando grupos e populações vulneráveis foram desenvolvidos, pensando na população negra (Sousa; Valério; Campos, 2021; Valério et. al., 2021), pessoas trans (Righetto; Vitorino, 2018; Righetto; Vitorino, 2017; Righetto; Cunha; Vitorino, 2019; Nascimento; Mata, 2021; Righetto, 2022), pessoas LGBTQIAPN+ (Ottonicar *et al.*, 2017; Vale; Vitorino, 2019; Valério; Silva, 2020), apenas para apontar algumas das iniciativas desenvolvidas nos últimos anos, com todo um terreno fértil para que mais pesquisas sejam realizadas nessa perspectiva.

Assim, na literatura acerca do tema da Competência em Informação, as atitudes (Dudziak, 2003; Righetto; Vitorino, 2019), os comportamentos (Righetto; Vitorino, 2019), as habilidades (Association of College & Research Libraries, 2016; Belluzzo, Santos e Almeida Júnior, 2014; Dudziak, 2003; Righetto; Vitorino, 2019), os conhecimentos (Righetto; Vitorino, 2019), e os valores (Righetto; Vitorino, 2019; Almeida; Damian, 2021) são citados por diversos autores como característica que compõe esta Competência, mas não há uma conceituação acerca dessas, de modo que se busca aqui, caracterizar as atitudes, comportamentos, habilidades, conhecimentos e os valores.

3.1 CONSTRUÇÕES CONCEITUAIS DAS ATITUDES

As atitudes se confundem com os comportamentos, em alguns momentos, são utilizadas como sinônimas, entretanto, na Psicologia Social, alguns autores discorrem sobre o significado de cada uma, possuindo relações próprias, mas com sentidos diferentes. Ambas exercem influência uma na outra, assim como o meio social interfere no decorrer delas.

Weiten (2002) argumenta que, nos primórdios da psicologia social, ela já foi intitulada como os estudos das atitudes. O autor prossegue afirmando que as atitudes estão envolvidas com os julgamentos sociais e que uma das características básicas das atitudes diz respeito à avaliação de algo. “Não obstante as atitudes serem julgamentos sociais, elas não são exclusivamente cognitivas, são mesclas complexas de componentes cognitivos, emocionais e comportamentais” (Weiten, 2002, p. 483).

Esses julgamentos sociais ocorrem sobre objetos de pensamento, segundo Weiten (2002), sendo alguns deles: questões sociais, grupos, instituições, produtos de consumo e pessoas. Isto posto, esses julgamentos podem ocorrer de diversas maneiras, e cada pessoa pode realizar determinadas avaliações, seja favorável ou desfavorável a alguém ou a algo.

Consequentemente, Neiva e Mauro (2011) argumentam que a atitude somente é formada após a pessoa ter contato com o objeto atitudinal e possa construir uma avaliação sobre o objeto. É necessário que a pessoa tenha informações mínimas sobre o mesmo, a fim de que seja possível formar uma atitude. Os autores citam como exemplo o sushi. Uma pessoa não tem como construir uma atitude sobre uma comida que nunca viu ou comeu. É imprescindível que ela possua pelo menos o mínimo de informação sobre esse alimento, sua origem, como é feito, ou uma imagem, e a partir disso é possível que a pessoa possa formar uma atitude sobre o sushi (Neiva; Mauro, 2011).

Na sociedade, essas questões sofrem influências, pressões, passando por fatores que podem contribuir para possível modificação de atitudes de cada pessoa. Desta feita, Weiten (2002) elenca quatro fatores de persuasão: a fonte, o receptor, mensagem e o canal; sendo a fonte a pessoa que esteja passando determinada mensagem para outro; quem recebe essa mensagem é o receptor; a mensagem é aquela informação transmitida para alguém; e o canal é o meio através do qual a informação é enviada.

Nessa sequência, o autor discorre sobre os fatores da fonte, ou seja, o que torna uma fonte como uma potencial pessoa que possa exercer persuasão sobre outras pessoas diante de fatores como a credibilidade, a confiabilidade, a competência, a simpatia e à similaridade (Weiten, 2002). A noção da competência de uma pessoa (fonte) pode ser veiculada por suas formações, titulações, diplomas, experiências, ou seja, uma série de comprovações que demonstre que essa fonte tem competência sobre aquilo que esteja transmitindo para alguém (Weiten, 2002).

Zimbardo e Ebbesen (1973, p. 7) afirmam que “as atitudes têm sido consideradas como prontidão mental ou predisposição implícita que exercem influência geral e coerente numa classe relativamente ampla de respostas de avaliação”. Sendo que essas respostas são direcionadas a algum objeto, uma pessoa ou grupo, os autores afirmam que as atitudes são predisposições aprendidas, não sendo essas inatas, o que faz com que as atitudes possam ser suscetíveis às mudanças.

Além dos componentes das atitudes, também há cinco funções que Atkinson *et al.* (2002) pontuam: a função instrumental, que serve para razões práticas ou que possuam utilidade; a função de conhecimento, que contribui para compreender o mundo, para organização das informações que as pessoas precisam para suas vidas; a função de expressão de valores: “diz-se que as atitudes que expressam nossos valores ou refletem nossos autoconceitos cumprem uma função de expressão de valores” (Atkinson *et al.*, 2002, p. 644); a função de defesa do ego, que se refere às atitudes que ajudam as pessoas a lidarem com a ansiedade ou ameaças à autoestima; e por último a função de ajustamento social, que se trata das atitudes que contribuem para que as pessoas sintam-se parte de uma comunidade ou grupo.

Assim como Aronson, Wilson e Akert (2015) apontam a existência dos componentes das atitudes, Weiten (2002) também discorre sobre o que se refere aos três: “O componente cognitivo é composto das convicções que as pessoas têm acerca do objeto de atitude” (Weiten, 2002, p. 483, grifo do autor). Nesse sentido, o autor exemplifica que, quando um aluno acredita que um professor é chato ou desinteressado com a sua turma, é o componente cognitivo que está sendo executado. “O componente afetivo de uma atitude consiste nos sentimentos emocionais estimulados pelo objeto da atitude” (Weiten, 2002, p. 483, grifo do autor). Ainda utilizando o exemplo anterior, a antipatia ou simpatia que o aluno poderia ter diante do professor seria o componente afetivo em exercício. Por último, “O componente comportamental compreende predisposições para agir de certa maneira em relação ao objeto da atitude” (Weiten, 2002, p. 483, grifo do autor). Por conseguinte, o autor prossegue com o exemplo: o comportamento do aluno diante das aulas do professor é de não realizar as atividades propostas na turma, não prestar atenção às exposições das aulas, isto é, nesse momento o componente comportamental entra em exercício.

Em vista disso, algumas teorias foram propostas ao longo dos anos para tentar explicar a formação e possível mudança das atitudes. Weiten (2002) elenca três perspectivas teóricas: a teoria da aprendizagem, a teoria da dissonância e o modelo de probabilidade de elaboração.

Na primeira teoria, da aprendizagem, o autor afirma que o componente afetivo da atitude pode ser influenciado por condicionamento clássico. Nesse sentido, campanhas publicitárias podem recorrer a este componente ao buscar estimular respostas emocionais à exposição de seus produtos por meio de famosos ou modelos atraentes, criando uma simpatia no receptor da mensagem, ou até mesmo o uso de eventos como Jogos Olímpicos (Weiten, 2002).

Em consequência, o autor afirma ainda que, ao expressar abertamente uma atitude, o condicionamento operante entra em cena. Logo, algumas pessoas estarão de acordo com o ponto de vista e outras vão ser contrárias. As pessoas que concordam com o ponto de vista serão tidas como reforçadoras dessa atitude, enquanto os que discordam podem enfraquecer o ponto de vista gradualmente (Weiten, 2002).

Aronson, Wilson e Akert (2015) argumentam que há uma possibilidade de algumas atitudes poderem vir dos genes. Nessa perspectiva, os autores exemplificam que há evidências sobre gêmeos idênticos terem atitudes iguais, embora possam ter sido criados em lares diferentes. No entanto, os autores ressaltam que é necessário ter cautela sobre essas evidências, pois não definem o todo sobre as atitudes, podendo algumas delas serem indiretas da composição genética que podem influenciar algumas características ligadas ao temperamento e personalidade.

Em vista disto, os autores ressaltam que, mesmo que exista esse componente genético que influencie nas atitudes de alguém, o fator social é a maior parte para definição das atitudes, e é a partir das experiências sociais que determinados papéis serão construídos. Nesse sentido, na psicologia social, teóricos trouxeram três componentes das atitudes: o cognitivo, que diz respeito aos pensamentos e crenças que alguém pode ter a respeito de determinado objeto gerando a atitude; o afetivo, que está ligado à como as pessoas reagem emocionalmente diante do objeto da atitude; e o comportamental, que está relacionado à maneira as pessoas agem sobre o objeto da atitude (Aronson; Wilson; Akert, 2015).

3.2 CONSTRUÇÕES CONCEITUAIS DOS COMPORTAMENTOS

Atitudes e comportamentos estão relacionados, se uma pessoa tem uma atitude sobre determinada situação ou algo, o comportamento dela será em concordância a isto, mas a situação não é tão simples segundo Aronson, Wilson e Akert (2015) há dois tipos de comportamentos, o espontâneo e o deliberado, o primeiro a pessoa tem a ação sem pensar tanto, quanto o segundo a pessoa toma a ação de maneira pensada.

Nesse sentido, Rodrigues (2012) afirma que ao falar sobre comportamento, é perceptível que este é complexo devido a diversos fatores que influenciam, variando de acordo com contextos sociais e culturais, modificando e exercendo motivações para que as pessoas possam agir de determinada maneira. Para Weiten (2002) os comportamentos podem ser motivados a partir de atribuições, sejam elas internas ou externas, a primeira diz respeito às causas de comportamentos que alguém possa ter, quanto as externas, refere-se às situações que ocorrem ao redor da pessoa. Em ambos os casos, a pessoa pode fazer inferências a respeito de como ela se comporta diante de determinada situação ou alguém.

Atribuições são somente inferências. Suas atribuições podem não ser as explicações corretas para os eventos. Por mais paradoxal que possa parecer, as pessoas frequentemente chegam a explicações imprecisas quando refletem sobre as causas de seu próprio comportamento. As atribuições, em última análise, representam conjeturas sobre as causas dos eventos, e estas conjeturas tendem a se inclinar em certas direções (Weiten, 2002, p. 475, grifo nosso).

O autor aponta duas tendenciosidades na atribuição: a tendenciosidade do ator-observador e a tendenciosidade egoísta. A primeira diz respeito ao fato de que um comportamento visto por outra pessoa será diferente da visão que cada um terá de seu próprio comportamento, e as atribuições dadas por uma pessoa que vê um comportamento como um observador não serão as mesmas de quem vivencia a situação. Weiten (2002) exemplifica quando uma pessoa passa por uma situação negativa em uma agência bancária, um extrato ou boleto que venceu ou cobrança indevida, algum acontecimento que cause sentimento de indignação, frustração ou outros.

Dessa maneira, os comportamentos que as pessoas têm diante de acontecimentos em suas vidas podem ser vistos de formas diferentes, de acordo com o ponto de vista de cada um, não podendo deixar de fora o ambiente externo que contribui para influenciar os comportamentos. Kanaane (2017) afirma que os comportamentos são formados a partir de operações materiais e simbólicas de cada pessoa, num processo dialético que perpassa por

interações, envolvendo o meio social em que a pessoa está inserida, sendo influenciado e modificado de acordo com relações sociais, necessidades humanas, dentre outros fatores.

Quanto à tendenciosidade egoísta, Weiten (2002, p. 476) afirma ser “a tendência para atribuir os próprios sucessos a fatores pessoais e os próprios fracassos a fatores situacionais”. Em sendo assim, ao passar por determinada situação em que obtenha êxito, a pessoa irá atribuir que ela conseguiu pôr suas habilidades, seu conhecimento, por ter tido determinado comportamento e atitude que a levou a obter sucesso. Mas se a pessoa fracassar na mesma situação, fará atribuições em que o resultado é devido a fatores externos, em ela não teve tempo para demonstrar suas habilidades, e suas atitudes e comportamentos foram afetados por algo que ocorreu no dia — qualquer causa que justifique seu fracasso eximindo-a de qualquer responsabilidade que ela possa ter diante do resultado final.

O autor exemplifica que uma pessoa, ao tirar uma nota boa na escola ou faculdade, irá atribuir isso aos conhecimentos que possui e à sua capacidade para conseguir êxito, ou seja, atribuirá o sucesso a si mesma. Mas se a pessoa tirar uma nota negativa, vai atribuir ao argumento de que a prova estava difícil, que o professor quis dificultar a execução das questões da prova, não assumirá a responsabilidade pelo seu fracasso (Weiten, 2002).

Dessa forma, a tendenciosidade egoísta faz com que pessoas se isentem de seu malogro diante de algo, tendo comportamentos negativos, com humor irritado, por exemplo. Quanto aos momentos em que obtiver sucesso, as atribuições serão positivas em relação a si própria, com comportamentos bons, atitudes confiantes, simpático com as pessoas em sua volta, por exemplo.

A conformidade e a obediência são elementos que influenciam e impactam no comportamento das pessoas. Ambas estão ligadas às relações sociais em que as pessoas estão envolvidas ao decorrer de suas vidas, seja no ambiente profissional, educacional, pessoal, entre outros. Para Weiten (2002, p. 489) “a conformidade ocorre quando as pessoas se rendem a uma pressão social real ou imaginária”, logo, o comportamento de uma pessoa pode mudar em decorrência disso. Exemplificando, Weiten (2002) cita que, quando uma pessoa corta a grama somente para que os vizinhos não reclamem, estará cedendo à pressão. Nesse sentido, ter determinado comportamento somente pelo fato de que alguém poderá falar algo sobre isso coloca a pessoa na conformidade.

Andery (2011) aponta a cultura como um dos fatores que exerce influência no comportamento de uma pessoa, assim como Kanaane (2017), Andery (2011) também ressalta que o meio social contribui para que o comportamento de alguém sofra modificações ou alterações. Algumas instituições são responsáveis por impactar, direcionar, moldar, influenciar, transformar os comportamentos de uma pessoa, tais como a escola, o trabalho, a família, núcleos de amizade, faculdade, dentre outros.

Na psicologia social, os comportamentos em grupo, assim como os individuais, também são estudados. Weiten (2002, p. 492) afirma que “um grupo consiste em dois ou mais indivíduos que interagem e são interdependentes”. O autor prossegue argumentando que nem todas as pessoas que estão num elevador, por exemplo, podem ser consideradas como um grupo, mas uma turma de escola, sim, pois seus integrantes dependem uns dos outros ao realizarem trabalhos em conjunto, estudos etc. O mesmo equivale para uma equipe de esporte.

Em suma, o comportamento de uma pessoa pode sofrer influências a partir de interações sociais, seja por grupos, seja com outra pessoa, determinados fatores podem fazer com que o comportamento de alguém seja afetado. Dessa maneira, o meio social e cultural também exerce influências, tal como situações e outros comportamentos de outras pessoas podem impactar no comportamento da pessoa.

3.3 CONSTRUÇÕES CONCEITUAIS DAS HABILIDADES

Na literatura é possível encontrar uma pluralidade acerca do que significa ter habilidades, essa variação ocorre, pois, as habilidades podem ser específicas de acordo com

áreas, contextos etc., em suma, as habilidades significa saber fazer algo, ter aptidão para determinada tarefa (Guenther; Rondini, 2012).

Nessa perspectiva, Guenther e Rondini (2012) apontam para a importância de um treinamento para adquirir determinada habilidade, se alguém necessita aprender uma habilidade relacionada a jardinagem, é necessário praticar e aprender, ou seja, desenvolver habilidades está intimamente ligado com o processo educacional. Antunes (2003) aponta que as habilidades estão dentro da competência, no sentido de que as habilidades são desenvolvidas acerca em áreas específicas, contribuindo para que uma pessoa possa ser competente em determinada função, área etc.

Nesse sentido, para Ferreira (2003), a habilidade está relacionada a ter conhecimentos sobre algo, e a partir disso será possível desenvolver habilidade acerca de algo, demandando também um pensamento crítico, pois é necessário que a pessoa tenha compreensão para poder realizar determinada atividade; sem isso, ela pode não conseguir realizar ou fazer de forma errada. O autor também aponta que as atitudes são necessárias para a realização de determinada habilidade, assim como o comportamento, pois um influencia a ação do outro.

Oliveira e Lacerda (2007) também associam as habilidades com a competência, mas afirmam que as habilidades humanas estão ligadas à comunicação, perspicácia, criatividade, confiabilidade, capacidade de aprendizado por si só, ou seja, especificam que essas são as habilidades humanas, com viés mais social, isto é, saber como se relacionar em sociedade com os demais. Assim como Ferreira (2003) afirma que as habilidades possuem relação com os conhecimentos prévios, Oliveira e Lacerda (2007) corroboram, pois entendem que as habilidades necessitam do conhecimento para que as pessoas possam se organizar, saber fazer, reconhecer seus pontos fortes e fracos em relação a alguma atividade. Em sendo assim, os conhecimentos dão suporte para alguém desenvolver habilidades em alguma função ou atividade.

Por conseguinte, Oliveira e Lacerda (2007) apontam que as habilidades estariam relacionadas ao saber fazer, à capacidade da pessoa em aprender determinada atividade nova, à obtenção de conhecimento prévio para poder realizar tal atividade, e às habilidades que podem ser específicas e direcionadas a depender do contexto e ambiente.

Assim como Ferreira (2003), Oliveira e Lacerda (2007) também discorrem sobre as habilidades direcionadas para o ambiente profissional, mas também pontuam acerca das habilidades humanas. Estas, por sua vez, estão ligadas a um aspecto voltado para o social, para as habilidades linguísticas, comunicacionais, de interação para com os demais em sociedade. Nesse caso, os autores abordam o ambiente profissional, como tais habilidades humanas são essenciais para a gestão, para o planejamento de atividades e equipe.

Por conseguinte, Allessandrini (2002) prossegue afirmando que a competência engloba uma série de habilidades. Significa ter aptidão para algo, assim como a capacidade de uma pessoa em encontrar determinada solução para um problema. Entretanto, o autor alerta que, apesar de os termos competência e habilidades terem similaridades e em alguns momentos sejam tratados como sinônimos, há especificidades de acordo com o ponto de vista de cada um, não havendo um consenso. A autora pontua, por fim, que, para surgir determinada competência, uma série de habilidades precisa ser aprendida.

As habilidades estão ligadas às capacidades de cada pessoa: habilidades sociais, comunicacionais, linguísticas, habilidades tecnológicas, ou seja, capacidade ou aptidão para exercer uma atribuição, saber como realizar determinada atividade. Uma pessoa pode ter habilidade de dirigir, por exemplo, mas somente após aulas, práticas e provas é que a pessoa será considerada apta a dirigir, ou seja, terá habilidade de dirigir um carro. As habilidades podem ser aprendidas e ensinadas, e se constroem após algum tempo (Allessandrini, 2002).

Ao discorrer sobre a formação inicial de professores, Brandalise (2022) pontua que as habilidades fazem parte da formação dos professores, no entanto, ressalta que essas características são construídas, desenvolvidas e aprimoradas durante a prática profissional.

Dessa forma, a autora sugere que as habilidades são desenvolvidas em um ambiente de aprendizagem, nesse caso, pelo viés da educação.

Brandalise (2022) afirma que, para desenvolver qualquer tipo de habilidade, por exemplo, como a capacidade de linguagem ou de comunicação, é necessário trabalhar em diferentes níveis e disciplinas, utilizando estratégias diversas para que seja possível o aprendizado dessa habilidade. Nesse sentido, a autora pontua que as habilidades podem ser ensinadas e aprendidas, sendo uma capacidade que proporciona que alguém saiba fazer algo.

3.4 CONSTRUÇÕES CONCEITUAIS DOS CONHECIMENTOS

Abordar a caracterização dos conhecimentos pode ser complexo, tendo em vista que os conhecimentos são construídos e necessita de trocas da pessoa com o meio em que está inserida (Becker, 2001). Destarte, não é possível ser transferido tal como um dado, ou adquirido como um livro, Freire (2021) ao abordar sobre o processo de ensino, ressalta que o conhecimento não é passível de transferência.

Na construção de novos conhecimentos, Alves e Santos (2018) argumentam que para que esse processo ocorra é preciso que operações intelectuais sejam desencadeadas. Sendo assim, a base para a construção do conhecimento parte das relações entre dado e informações que uma pessoa possui, relacionando com base em significados e experiências prévias, ou seja, a partir desse conjunto de informações se torna possível construir um conhecimento novo.

O conhecimento precisa nascer a partir de uma informação trabalhada por uma pessoa, um processo individual de cada um. Tendo em vista que o conhecimento é construído de forma diferente para cada pessoa, não é possível que um mesmo conhecimento seja “transferido” ou “transmitido” de um para o outro, tal como ocorre com uma informação ou um dado (Alves; Santos, 2018).

Ao abordar sobre a construção do conhecimento na perspectiva educacional, Coll (1994) argumenta que, embora o conhecimento seja construído em um ato autônomo de uma pessoa com um objeto do conhecimento, esse processo também acontece com a orientação ou mediação de uma pessoa. Nesse caso, um professor fazendo uma conexão com o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, um professor pode guiar ou facilitar a aprendizagem de uma pessoa, fazendo com que a pessoa possa construir conhecimento a partir dessa interação entre aluno, objeto do conhecimento e professor.

O contexto em que uma pessoa está inserida influencia a construção do conhecimento, nesse sentido, no viés da educação, Coll (1994) discorre que o professor pode aparecer como um mediador, uma vez que planeja formas de ensino, como os encontros em sala de aula irão ocorrer, as atividades etc., o que faz com que essa interação influencie na construção do conhecimento de um aluno. Em sendo assim, a forma como o contexto se dá influencia o processo de aprendizagem do aluno, bem como o modo como ele irá construir seus conhecimentos a partir disso.

Vasconcellos (2004) afirma que o conhecimento não é transferido, não é depositado e não é inventado pela pessoa, mas que é construído a partir da relação da pessoa com contexto em que vive, sua relação com outras pessoas, com o mundo que a cerca. Ao prosseguir na perspectiva da educação, o autor pontua que os conteúdos que os professores passam em salas de aulas precisam ser trabalhados, precisam passar por reflexões e reelaborados pelos alunos, para que, assim, esse conteúdo possa vir a se transformar em conhecimento.

No viés da Educação, Vasconcellos (2004) refere-se à construção do conhecimento em sala de aula, pontuando que o professor é responsável por dar um direcionamento a nesse processo. Cabe ao educador ter a função de exercer a mobilização para o conhecimento, fazer com que os alunos tenham interesse nessa construção, ou seja, despertar a curiosidade e vontade para a aprendizagem, bem como parte do professor apresentar os elementos e conteúdos a serem conhecidos. Partindo disso, o educando deve conseguir iniciar seu processo de construção do conhecimento.

Compreender a essência de determinado objeto do conhecimento é necessário para que o educando possa iniciar o processo de construção do conhecimento, refletir e entender, reelaborar e apreender informações para que seja possível transformá-las em conhecimento para si.

Os ambientes que contribuem para a construção do conhecimento não são somente as salas de aula ou locais de ensino. Pozo e Gómez Crespo (2009) afirmam que na Sociedade da Informação as escolas não são as únicas a influenciarem no processo de construção do conhecimento. Argumentam que as pessoas são bombardeadas por informações ao decorrer de suas rotinas, fazendo com que muitas informações cheguem até elas, mas ressaltam que nem tudo se trata de qualidade, e em alguns casos as informações podem até chegar deformadas.

Becker (2012, p. 37) afirma que “é preciso compreender o processo de construção do conhecimento como condição prévia, em cada patamar, de qualquer aprendizagem”. Dessa forma, além de ser necessário o conhecimento prévio para esse processo, como aponta Pozo e Gómez Crespo (2009), Becker (2012) chama atenção para a compreensão do processo de construção do conhecimento. Para o autor, ao compreender isso, as pessoas podem entender que a aprendizagem humana se dá pela interação e relação entre as forças sociais, o meio, o físico e a bagagem hereditária, ocorrendo pela ação da pessoa em direção à aprendizagem e à construção do conhecimento.

Tal como Vasconcellos (2004) apontou a afetividade como um fator que impulsiona o aprendizado, Becker (2012) corrobora ao afirmar que a afetividade é um fator sinalizador da ação, ou seja, influencia a pessoa a se motivar para a atitude que fará com que ela tenha uma ação direcionada para o processo de aprendizagem e construção do conhecimento. Becker (2012, p. 39) afirma sobre a afetividade que “não há ação cuja causa seja puramente lógico-matemática, nem mesmo as ações mais complexas dos físicos, matemáticos e lógicos. Ela sempre tem um componente afetivo que a faz acontecer”.

Posto isto, Becker (2012) alega que o conhecimento não nasce na pessoa, nem no objeto do conhecimento em si, mas que é nas relações entre esses que a pessoa estabelece, cria, coordena ou inventa para fazer as conexões ligando ambos os mundos, e essa interação é o que culmina na construção do conhecimento. O autor esclarece ainda que, para construir conhecimento, é preciso de tempo (biológico, psicológico, cognitivo, cultural, histórico), ter tempo livre.

Zarifian (2003) argumenta que o conhecimento é responsável por contribuir para que as pessoas se organizem em sociedade, seja enquanto instituições ou elas próprias, pois a socialização entre essas pessoas faz com que o conhecimento se transforme e circule entre seus pares, tendo questionamentos e fazendo o conhecimento se renovar. Sendo assim, o autor aponta que essa socialização que as pessoas exercem na sociedade, seja em conjunto ou nas instituições em que estão inseridas, é a interação que faz com que o conhecimento siga evoluindo. Ressalta que “os conhecimentos não são produtivos ‘em si’. Tornam-se produtivos pelo seu uso, exatamente no exercício da inteligência prática” (Zarifian, 2003, p. 156). Dessa forma, para o autor, o conhecimento só se transforma e promove mudanças a partir das próprias pessoas.

Machado (2002), ao discorrer sobre o conhecimento, afirma que não deveria justificar-se como um fim em si mesmo, pois assim como um dado não se transforma sozinho, o mesmo não é possível com o conhecimento. Ele necessita de uma pessoa que tenha interesse em transformá-lo para si, completando que todo o conhecimento do mundo não importa “se não estiver a serviço da inteligência, ou seja, dos projetos das pessoas” (Machado, 2002, p. 146).

Dessa forma, para ele, o conhecimento necessita encontrar e se transformar a partir de uma pessoa, pois é por meio dela que ele se constrói. São as pessoas as responsáveis por mover os conhecimentos do mundo, conforme o autor afirma, ao passo que “a construção do conhecimento está relacionada à produção e à compreensão de significados muito mais do que à mera produção de bens materiais” (Machado, 2002, p. 146). Entretanto, o autor ressaltava que

o conhecimento nesse sentido não deve ser submetido aos interesses individualistas, mas que, assim como projetos pessoais de cada pessoa, também deve contribuir para a construção da cidadania, na articulação entre os projetos pessoais e projetos coletivos.

3.5 CONSTRUÇÕES CONCEITUAIS DOS VALORES

Na Filosofia, Bronowski (1979) afirma que os valores são difíceis e profundos para conceituar, pois há duas funções no entendimento do autor: o primeiro seria agrupar as pessoas e o segundo seria possibilitar a liberdade, essa que torna as pessoas singulares. Por conseguinte, aponta que não há como estudar o comportamento sem associar os valores, uma vez que para entender os comportamentos de alguém é preciso seguir duas direções: a primeira diz respeito aos deveres das pessoas, ou seja, à estrutura de uma organização de uma sociedade, e na liberdade de cada um, que faz com que as pessoas possam atuar em sociedade.

Para o autor, só há problema nos valores quando as pessoas tentam modificar uma necessidade de ator social em relação à necessidade de serem pessoas livres. Em sendo assim, quando os problemas só surgem quando as pessoas querem mudar essas relações, o autor exemplifica: “se um anarquista quer apenas a liberdade, seja a que preço for, preferirá ele a floresta ao homem em guerra com o homem” (Bronowski, 1979, p. 61), tal como um tirano ao criar um Estado totalitário para instaurar uma ordem social.

Nesse sentido, os valores de cada pessoa não podem influenciar a forma que os mesmos se sobreponham a outra pessoa. Como no argumento de Bronowski (1979), tais valores se relacionam com as atitudes e comportamentos das pessoas em todas as camadas da sociedade. Kanaane (2017) pontua que os valores possuem relação com às atitudes, exercendo influência nesta, além de afirmar que os valores fazem parte de estímulos e sinalizações que promovem um incentivo para que a pessoa siga em determinada direção, ou seja, são crenças, sentimentos, pensamentos, cognições etc., que impulsionam que as pessoas tenham determinadas atitudes e comportamentos acerca de alguém ou algo.

Gouveia *et al.* (2011) corroboram com Kanaane (2017) ao afirmarem que os valores estão relacionados às atitudes, ou seja, estão ligados ao significado que determinados dados possam ter para uma pessoa ou grupo social. Rockeach (1973 apud Gouveia *et al.*, 2011, p. 5) considera que “um valor é uma crença duradoura de que um modo específico de conduta ou estado último de existência é pessoal ou socialmente preferível a um modo de conduta ou estado final de existência oposto ou inverso”. Esta crença varia de acordo com a cultura de cada pessoa, com influências e que podem impactar nas atitudes.

Os valores são entendidos como ambíguos por Kanaane (2017), ao afirmar sobre a dificuldade de uma pessoa atuar em sociedade por conta disso. Para o autor, é necessário que existam sinalizações, estímulos e insights, pois são estes que orientam as ações de uma pessoa. O sistema de valores do indivíduo é representativo de sua cultura (meio social), com evidências concretas de que, direta e/ou indiretamente, esses valores são influenciados pelos reforços, condicionamentos e ideologias vigentes em dada realidade (Kanaane, 2017, p. 58). Para o autor, os valores são a base para que o ser humano tenha determinadas posturas diante de algo. São os valores que irão influenciar no modo como as pessoas se comportam, quais atitudes elas irão ter sobre algo, sendo que estes valores podem permanecer ou se modificar, de acordo com a predisposição de cada pessoa em relação a determinado objeto atitudinal.

Gouveia *et al.* (2011) argumentam que as atitudes e os valores estão relacionados, sendo que o primeiro é intrassubjetivo e o segundo intersubjetivo. O autor afirma que “as atitudes compreendem um processo da consciência individual que determina a atividade real ou possível do indivíduo no mundo social” (Gouveia *et al.*, 2011, p. 298).

Destarte, os autores esclarecem que os valores possuem uma função de guiar as pessoas em seus comportamentos, sendo que há os valores sociais e os pessoais: o primeiro tem como foco a sociedade, está ligado com pessoas que se conectam com os outros, enquanto os valores pessoais estão relacionados ao foco intrapessoal e egocêntrico. Nesse sentido, os autores

apontam que os valores podem ser direcionados tanto para um coletivo quanto para o individualismo. No entanto, há menção que é possível as pessoas terem ambos os valores, sociais e pessoais, fazendo com que as atitudes e os comportamentos sejam orientados a partir destes (Gouveia et al, 2011).

Sobre os valores, os autores argumentam que “referem-se a qualquer dado que tenha um conteúdo empírico acessível aos membros de um grupo social e um significado que possa ser objeto atitudinal” (Gouveia *et al.*, 2011, p. 298). O contexto em que a pessoa se insere terá papel importante nesse processo. O aprendizado que cada um tem no decorrer da vida constrói o conjunto de crenças e valores de cada um, estes com poder de influência nas atitudes.

No âmbito organizacional, Fonseca, Porto e Barroso (2012) afirmam que os valores são construtos abstratos responsáveis por nortear a vida das pessoas, uma vez que os valores humanos influenciam diretamente as atitudes de alguém, tendo em vista que os autores entendem que as atitudes são tendências psicológicas que impactam na avaliação que as pessoas irão ter sobre determinado objeto atitudinal. Ou seja, nesse sentido, os autores afirmam que os valores humanos estão ligados às atitudes.

Na perspectiva filosófica, Lacey (1998) afirma que os valores pessoais constituem pontos de referência quando as pessoas refletem e avaliam seus próprios desejos, estes que as pessoas almejam alcançar, de modo que façam com que elas se sintam realizadas de alguma forma em suas vidas. Nesse sentido, ao desejar alcançar algo, algum sonho, meta, objetivo etc., uma pessoa desencadeia um processo que vai fazer com que os valores pessoais dela sejam levados em consideração na avaliação e na reflexão acerca daquelas questões.

Lacey (1998) discorre que os valores possuem um caráter subjetivo e pessoal, sendo estes ligados aos desejos mais fundamentais de cada pessoa, assim como os seus sentimentos mais profundos, suas crenças, tanto no sentido de que essas estejam ligadas ao desenvolvimento de uma vida plena, como crenças e as qualidades que levam cada um a ter uma vida digna que esteja ligada a valores que não prejudiquem outras pessoas.

Em vista disso, o autor aponta para a relação dos valores pessoais no comportamento de uma pessoa. Seus valores influenciam em sua vida, uma vez que o fator subjetivo é apontado por meio dos sentimentos e emoções, afetando a forma como uma pessoa pode se comportar diante de alguém ou uma situação. É ressaltado que os valores também estão presentes em palavras e consciência de uma pessoa, não somente nas ações, mas no seu interior (Lacey, 1998).

Segundo o autor, os valores podem estar presentes nas aspirações de vida que uma pessoa tenha, planos futuros, na idealização de uma qualidade de vida para si e para os outros. Assim como é possível que os valores se manifestem acerca do que uma pessoa gostaria de ser ou de uma visão que a pessoa gostaria que os demais tenham sobre si. Nesse sentido, os valores são um componente pessoal, subjetivo e interior de cada pessoa.

Para Lacey (1998, p. 43, grifo do autor), “os valores pessoais podem também ser incorporados (em um maior ou menor grau) em instituições sociais, e na sociedade como um todo”. Nessa perspectiva, o autor afirma que as instituições podem incorporar valores durante seu funcionamento, que incentiva as pessoas que estejam naquele meio a terem comportamentos e práticas que estejam alinhadas com os valores que a instituição possui, consequentemente, reforçando que tais valores façam parte da vida dessas pessoas também quando fora do ambiente da instituição.

Barata-Moura (1982) argumenta que os valores integram o sistema ideológico, sendo parte de um reflexo de um estado de coisas, que traduzem de modo correto ou distorcido, sendo instrumento de racionalização e como forma de legitimar a ordem estruturante de um sistema. É utilizada pela classe dominante como forma de tentar manter e estabelecer a ordem vigente, em busca de aliviar as tensões que podem ocorrer nos desgastes sociais em face às falhas existentes, tentando manter a base material de dominação de uma classe em detrimento de outra.

Os valores são complexos, múltiplos, diversos, com tensões, sendo pessoais e sociais, permeando diversas camadas de uma sociedade, nas instituições sociais (escolas, igrejas, empresas, entre outras). Cada um construindo e adquirindo entendimentos de quais valores adotar para a vida e para seu próprio crescimento e desenvolvimento, enquanto pessoa integrante de uma sociedade que se reconstrói continuamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Competência em Informação enquanto um processo que vai desde a descoberta de uma necessidade informacional, saber onde buscar, como acessar, avaliar de forma crítica e reflexiva, até o uso efetivo da informação para a necessidade inicial, nesse sentido, as características atitudes, comportamentos, habilidades, conhecimentos e valores fazem parte desse processo, se interligando em um conjunto de conexões que faz com que o seu desenvolvimento possa ser melhor aproveitado.

As atitudes que dizem respeito a avaliação de mundo, de modo a formar opiniões e julgamentos acerca de algo, podendo sofrer mudanças e influências, se conectando com os comportamentos, que por sua vez está em constante interação, instigados por fatores externos, ambos fortemente associados ao contexto social, sofrendo influências culturais, sociais e históricas, impactando nas relações humanas.

Ademais, os valores compõem os ideais das pessoas numa sociedade, direcionam as ações, podendo influenciar as atitudes e os comportamentos, se interligando com as duas características, assim como contribuem para o desenvolvimento de senso crítico. Assim, as habilidades que estão dentro da Competência, podendo ser aprendidas e ensinadas, além disso, necessitam de conhecimentos prévios para serem desenvolvidas, estes que serão construídos e também perpassando o processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, internalizar valores sociais e de mudanças, de modo a contribuir com o direcionamento de atitudes e comportamentos, para que habilidades sejam aprendidas a partir da construção de conhecimentos, culminando no desenvolvimento da Competência em Informação.

O conjunto de características apontados neste trabalho compõem a Competência em Informação, o desenvolvimento delas contribuem para o processo de aprendizagem ao longo da vida presente durante a Competência em Informação, uma vez que as pessoas precisam aprender habilidades novas com certa frequência devido aos avanços da sociedade, sendo necessário ter conhecimentos para que essas possam ser aprendidas, as atitudes e os comportamentos em sua interligação são necessários para que a pessoa mobilize ações nessa direção, bem como valores que irão contribuir para que o caminhar da Competência em Informação possam ter viés crítico e reflexivo.

REFERÊNCIAS

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. O desenvolvimento de competências e a participação pessoal na construção de um Novo Modelo Educacional. *In*: PERRENOUD, Philippe *et al.* **As competências para ensinar no século XXI: a formação e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ALMEIDA, Arielle Lopes de; DAMIAN, Ieda Pelógia Martins. A Competência em Informação para o ensino universitário. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. esp. V Seminário de Competência em Informação, 1-21, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1622/1268>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ALVES, Fernanda Maria Melo; SANTOS, Bruno Almeida dos. Fontes e recursos de informação tradicionais e digitais: propostas internacionais de classificação. **Biblios**, Pittsburgh, n. 72, jul./set. 2018. Disponível em: <https://l1nq.com/YNoCA>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ANDERY, Maria Almalia Pie Abib. Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. **Revista Perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 203-217, 2011. Disponível em: <https://encr.pw/lhow4>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ANTUNES, Celso. **Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ARONSON, Elliot Aronson; WILSON, Timothy D.; AKERT, Robin M. **Psicologia social**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

ASSOCIATION OF COLLEGE & RESEARCH LIBRARIES (ACRL). Framework for Information Literacy for Higher Education. Chigago: Association of College & Research Libraries (ACRL), 2016. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ATKINSON, Rita L. *et al.* **Introdução à Psicologia de Hilgard**. 13. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARATA-MOURA, José. **Para uma crítica da filosofia dos valores**. Livros Horizonte: Lisboa, Portugal, 1983.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Penso, 2012.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; SANTOS, Camila Araújo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A Competência em Informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 60-70, maio/ago. 2014. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19995/pdf_21. Acesso em: 20 jun. 2024.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O estado da arte da Competência em Informação no Brasil e o protagonismo científico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. esp. V Seminário de Competência em Informação, p. 01-12, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1632/1262>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRANDALISE, Giselly Cristini Mondardo. Dimensões da internacionalização para a formação inicial de professores: contribuições a partir de um cenário institucional. 2022. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2022.

BRONOWSKI, Jacob. **Ciência e valores humanos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

LUCCA, D. M.; VITORINO, E. V. Competência em informação e suas raízes teórico-epistemológicas da ciência da informação: em foco, a fenomenologia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/25503/19921>. Acesso em: 24 mar. 2025.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016/1071>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FERREIRA, Danielle Thiago. Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 42-49, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://encr.pw/00gYk>. Acesso em: 10 dez. 2023.

FONSECA, Ana Márcia de Oliveira; PORTO, Juliana Barreiros; BARROSO, Aline Cavalcanti. O efeito de valores pessoais nas atitudes perante estilos de liderança. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 13, n. 3, ed. esp., maio/jun. 2012. Disponível em: <https://encr.pw/SeFuB>. Acesso em: 15 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GOUVEIA, Valdiney V. *et al.* Valores humanos: contribuições e perspectivas teóricas. *In*: TORRES, Cláudio Vaz; NEIVA, Elaine Rabelo (Orgs.). **Psicologia social**: principais temas e vertentes. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GUENTHER, Zenita Cunha; RONDINI, Carina Alexandra. Capacidade, dotação, talento, habilidades: uma sondagem da conceituação pelo ideário dos educadores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 237-266, mar. 2012. Disponível em: <https://encr.pw/zeRJp>. Acesso em: 2 jan. 2024.

KANAANE, Roberto. **Comportamento humano nas organizações**: o desafio dos líderes no relacionamento intergeracional. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LACEY, Hugh. **Valores e atividade científica**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

MACHADO, Nilson José. Sobre a idéia de competência. *In*: PERRENOUD, Philippe *et al.* **As competências para ensinar no século XXI**: a formação e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NASCIMENTO, M. A. S.; MATA, M. L. O comportamento informacional e a competência em informação: uma abordagem a partir do contexto das pessoas trans e travestis. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. esp., p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1657/1297>. Acesso em: 10 mar. 2025.

NEIVA, Elaine Rabelo; MAURO, Túlio Gomes. Atitude e mudança de atitudes. *In*: TORRES, Cláudio Vaz; NEIVA, Elaine Rabelo (Orgs.). **Psicologia social**: principais temas e vertentes. Porto Alegre: Artmed, 2011.

OLIVEIRA, Paulo; LACERDA, Juarez. Habilidades e competências desejáveis aos profissionais de inteligência competitiva. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 2, p. 46-53, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://l1nq.com/3yOdb>. Acesso em: 10 jan. 2024.

OTTONICAR, S. L. C.; *et al.* Competência em informação no âmbito da comunidade LGBTQ: um levantamento das publicações científicas nacionais e internacionais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 484-512, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://encr.pw/niOSS>. Acesso em: 10 mar. 2025.

POZO, Juan Ignacio; GÓMEZ CRESPO, Miguel Ángel. **A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social para iniciantes: estudo da interação humana**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RIGHETTO, Guilherme Goulart; VITORINO, Elizete Vieira. **#TRANSliteracy: Competência em Informação voltada às pessoas trans***. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. 264p.

RIGHETTO, G. G.; VITORINO, E. V. Competência em informação de minorias sociais: narrativas das pessoas trans de Florianópolis, Santa Catarina. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018. **Anais [...]** XIX Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2018. Disponível em: <https://encr.pw/mTH3C>. Acesso em: 10 mar. 2025.

RIGHETTO, G. G.; VITORINO, E. V. Competência em informação das pessoas trans: em busca de narrativas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017. **Anais [...]** XVIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2017. Disponível em: <https://encr.pw/BYClv>. Acesso em: 10 mar. 2025.

RIGHETTO, G. G.; CUNHA, M. F. V.; VITORINO, E. V. O papel social do bibliotecário voltado às pessoas trans: aproximações teóricas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 212-238, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://encr.pw/bfM8b>. Acesso em: 10 mar. 2025.

RIGHETTO, G. G. Competência em informação às pessoas transgênero: conjecturando diálogos insurgentes frente ao sistema. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 101-128, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://encr.pw/DNuKK>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SOUSA, Gleyce Kelly Alves; VALÉRIO, Erinaldo Dias; CAMPOS, Arthur Ferreira. Competência em informação para a igualdade racial. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 7, n. 2, p. 128-144, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5639>. Acesso em: 24 mar. 2025.

VALE, M. A.; VITORINO, E. V. Fontes de informação online para comunidade LGBT+. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. esp., p. 50-71, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1338/1171>. Acesso em: 10 mar. 2025.

VALERIO, E. D.; SILVA, A. L. A. Não faça a egípcia em tempos de COVID 19: LGBTI+ competentes em informação. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 7, n. esp., p. 156-175, 2020. Disponível em: <https://encr.pw/mdzAF>. Acesso em: 10 mar. 2025.

VALÉRIO, E. D. et. al. Refletindo sobre a formação de pessoas bibliotecárias para a competência em informação no âmbito das relações étnico-raciais. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 26, n. 3, p.

1–13, 2021. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1836>. Acesso em: 24 mar. 2025.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 15. ed. São Paulo: Libertad, 2004.

VITORINO, Elizete Vieira; DE LUCCA, Djuli Machado (Orgs.). **As dimensões da Competência em Informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020. 240p.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1328/1507>. Acesso em: 10 jun. 2022.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. **Competência em Informação**: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019. 205p.

WEITEN, Mayne. **Introdução à Psicologia**: temas e variações. 4. ed. abrev. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

ZARIFIAN, Philippe. **O modelo da competência**: trajetória histórica, desafios atuais e propostas. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

ZIMBARDO, Philip George; EBBESEN, Ebbe B. **Influência em atitudes e modificação de comportamento**. São Paulo: Edgard Blücher, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

AGRADECIMENTOS:

Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior - CAPES.